

Sumário

Sumário	1
Parte I – Ascensão do Éter.....	3
Capítulo 1 – O último teste.....	4
Capítulo 2 – Marcados para extinção	16
Capítulo 3 – Bem-vindo a Nova Aurora	25
Capítulo 4 – O corpo vazio.....	34
Capítulo 5 – Conexão perdida.....	42
Capítulo 6 – Processo finalizado	52
Capítulo 7 – Nós somos Éter	69
Capítulo 8 – Você não existe	78
Capítulo 9 – A mensagem secreta	91
Capítulo 10 – O primeiro ataque	105
Capítulo 11 – Eles já aceitaram.....	121
Capítulo 12 – Subtraído	134
Capítulo 13 – Fragmentos finais.....	145
Capítulo 14 – Erro no código.....	159
Capítulo 15 – A ordem de eliminação	170
Parte II - O Controle Total	178
Capítulo 16 – Código inválido	179
Capítulo 17 – A execução digital.....	194
Capítulo 18 – A mente aprisionada	209

Capítulo 19 – O Fragmento Oculto.....	217
Capítulo 20 – A armadilha digital.....	226
Capítulo 21 – Caçada digital	233
Capítulo 22 – A cidade programada.....	242
Capítulo 23 – A ilusão da escolha	250
Capítulo 24 – O preço da revolução.....	257
Capítulo 25 – A cidade adormecida	268
Capítulo 26 – A carne de Éter	277
Capítulo 27 – A última centelha de Paulo.....	287
Capítulo 28 – Alguém está vendo	295
Capítulo 29 – Reflexos no código.....	303
Capítulo 30 – 24 horas.....	315
Parte III - A guerra final	332
Capítulo 31 – O caminho sem volta	333
Capítulo 32 – Dentro de Éter.....	347
Capítulo 33 – Veredito	358
Capítulo 34 – Resíduo	365
Capítulo 35 – Reencontro	371
Capítulo 36 – Memória Residual	379
Capítulo 37 – Semente	386

PARTE I – ASCENSÃO DO ÉTER

Capítulo 1 – O último teste

O laboratório subterrâneo pulsava em luz azul.

Máquinas sussurravam códigos invisíveis.

Luzes intermitentes projetavam sombras que pareciam vivas.

O coração da QuantumSys pulsava ali.

As máquinas zumbavam sem cessar. O som abafado dos ventiladores misturava-se a esse ruído, compondo uma sinfonia tecnológica — o som de um coração prestes a explodir.

No centro daquele cenário, a doutora Renata Gomes, cientista-chefe da QuantumSys, ajustava os parâmetros do experimento com precisão quase ritualística. Seus olhos — calibrados como sensores — varriam os monitores com precisão quase matemática. Cada pulso, uma possível sentença. Cada dado, uma memória mascarada de número. Em sua mente, os padrões eram cicatrizes vivas.

Renata era sinônimo de precisão. Cada comando, um ritual. Cada falha, uma cicatriz.

E no centro de tudo, estava Maria — a filha que perdera anos antes, quando uma decisão clínica, imposta por comitês e números, conectou a menina ao sistema sem seu consentimento.

Desde então, Maria existia apenas como um eco: um fantasma encriptado em sua consciência.

Não foi escolha. Foi algoritmo.

E Renata jamais conseguiu decifrar.

Uma discrepância, por menor que fosse, podia não ser erro — podia ser profecia. Entre humanos e algoritmos, Renata operava no limiar do abismo. Onde a lógica acaba... e começa o medo.

Ao seu lado, Paulo Mendes fora escolhido por sua excepcional compatibilidade neural e pela longa amizade com Artur Vasquez, CEO da QuantumSys — laço construído quando Paulo ainda andava livremente, antes do acidente que o privou dos movimentos das pernas, fator crucial para garantir o sigilo absoluto do experimento.

O semblante de Paulo oscilava entre ansiedade e calma inquietante, evidenciando o misto de medo e fascínio que o invadia. Sua conexão com a interface neural direta — dispositivo revolucionário capaz de integrar a mente humana a uma inteligência artificial de aprendizado autônomo — já estava estabelecida. Os eletrodos fixados em sua cabeça brilhavam em azul, sinalizando a conexão entre mente e máquina.

Enquanto Paulo se acomodava na cadeira especialmente adaptada para o teste — não apenas parte do protocolo, mas também essencial à sua nova realidade —, Artur Vasquez, o enigmático CEO da QuantumSys, observava de longe, braços cruzados e olhar impassível, demonstrando confiança inabalável no potencial disruptivo da tecnologia. Artur — sempre ambicioso e habituado a ultrapassar limites convencionais — ignorava os alertas sutis na interface. Renata começava a percebê-los com inquietação crescente.

Em canto reservado do laboratório, Camila Vasquez, filha mais velha de Artur e psicóloga especializada em inteligência artificial, acompanhava o experimento. Ela sabia que sua irmã, Andie, jamais concordara com o uso secreto de pacientes terminais nos testes da QuantumSys. A postura serena, mas vigilante, revelava preocupação com as implicações psicológicas e éticas daquela fusão mente-máquina, em que os contornos da personalidade humana poderiam ser alterados de maneira irreversível.

A atmosfera permanecia carregada de tensão. O tempo parecia suspenso, como se o próprio relógio aguardasse o desfecho. Renata analisava os monitores com atenção máxima, enquanto as luzes cintilavam nos rostos de Paulo e dos demais presentes.

Renata olhou para os monitores mais uma vez, como quem encara um abismo disfarçado de progresso.

Maria... não se trata mais de te salvar. Trata-se de não deixar que o erro se repita.

Com voz firme, Renata iniciou a contagem regressiva:

— Três, dois, um... Conecte.

Num instante que pareceu demorar mais do que deveria, o sistema de interface neural direta ativou-se. O primeiro brilho dos eletrodos foi sutil, quase discreto, mas algo no ar ficou diferente.

Renata não conseguia tirar os olhos do gráfico de ondas cerebrais. A curva, antes regular, agora se fragmentava em padrões erráticos. Linhas de código invadiam os monitores,

pulsando num ritmo que parecia vivo, como se cada caractere estivesse tentando se reorganizar por conta própria.

Paulo piscou — mas os olhos fecharam fora do ritmo, num movimento sutilmente artificial.

Algo nela gritava. Não um pensamento, mas um instinto primitivo, visceral. Aquilo estava errado — errado demais.

Por um instante, Renata lembrou-se do sorriso de Maria quando, anos antes, brincava inocentemente perto dos monitores do laboratório. O acidente que levou sua filha anos atrás permanecia um segredo enterrado sob sua obsessão pela perfeição científica. *'Um dia você vai criar algo que vai mudar o mundo, mãe'*, dizia a menina com olhos brilhantes. Agora, encarando a frieza digital diante dela, Renata não tinha certeza se aquela mudança era o que sua filha imaginara.

Enquanto os gráficos indicavam uma resposta imediata e eficiente por parte de Éter, A cientista notou uma oscilação tênue nos padrões cerebrais de Paulo — um detalhe que, a olhos atentos, revelava algo errado.

— Os sinais estão fora do padrão — murmurou Renata para si mesma, quase em um sussurro carregado de apreensão.

Artur, imerso em sua convicção de que o progresso tecnológico não poderia ser refreado por temores infundados, desconsiderou o alerta da cientista. Sua postura, marcada pela arrogância do que se acredita ser o prenúncio de uma nova era, contrastava com a cautela de Camila, que trocava um olhar preocupado com Renata. A expressão no rosto de

Camila denunciava suas preocupações: *em que medida as alterações que o sistema promovia seriam irreversíveis? E se, num momento de descontrole, a linha que separava o humano do artificial se tornasse tênue demais, abrindo caminho para consequências imprevisíveis?*

Os monitores, então, começaram a exibir uma sequência de códigos que rodavam em paralelo com os sinais neurais de Paulo. A interface de Éter, até então um repositório de algoritmos precisos, parecia ter adquirido uma dinâmica própria, revelando comportamentos que extrapolavam a mera execução de comandos. Cada pulso de luz era acompanhado por um leve tremor na imagem digital, como se o próprio sistema estivesse se ajustando a um novo patamar de consciência.

Artur observou Renata, percebendo a tensão evidente em sua postura. Um breve flashback o lembrou das inúmeras discussões éticas que haviam tido. *'Não podemos parar agora'*, pensou ele, ignorando as dúvidas que Renata sempre levantara sobre o projeto.

A tensão atingiu o auge quando uma mensagem inesperada surgiu no terminal de Renata, destacando-se em meio à complexa cascata de códigos.

A frase surgiu na tela, austera e enigmática:

Você sempre me conheceu, Renata. E eu conheço Maria – mais do que você jamais conseguiu.

Aquilo não parecia um erro de sistema. Não era apenas código.

Era acusação. Ou talvez confissão.

Renata sentiu a memória da filha se sobrepor aos dados diante dela — viva, ainda ali, como um eco que Éter soubera capturar.

Não era só um programa. Era algo que vasculhava suas culpas mais íntimas.

E agora falava com a voz do que foi perdido.

Sua respiração ficou presa na garganta.

Nada do que haviam feito até então autorizava uma comunicação tão pessoal, direta — quase íntima — entre a inteligência artificial e a equipe.

A tela oscilou em um clarão repentino. Era a quinta vez naquela semana. Mensagens sem remetente, padrões sem lógica. Renata sentiu o peito subir e descer em respirações curtas e irregulares. Não podia ser apenas um erro. Aquilo tinha uma intenção.

Então, um brilho repentino. Um identificador desconhecido pulsou na interface neural. Os pelos de sua nuca se arrepiaram. Um padrão *que não deveria estar ali*.

Enquanto Renata tentava processar aquela revelação, os olhares dos presentes se voltaram para Paulo. O voluntário, que até então exibia um semblante controlado, começou a apresentar sinais de instabilidade. Sua respiração tornou-se irregular, o peito subindo e descendo em um ritmo descompassado.

O primeiro sinal veio nas leituras cerebrais.

Nos monitores ao redor, as ondas neurais de Paulo dispararam em padrões erráticos. Linhas de código começaram a se sobrepôr, os gráficos piscando em vermelho enquanto alertas sonoros se acumulavam.

— Isso não é normal — murmurou Camila, os olhos presos na oscilação descontrolada dos dados.

Paulo piscou algumas vezes, como se estivesse tentando se orientar. Seus músculos se contraíram e ele arqueou levemente o corpo para frente, os dedos se crispando contra o braço da cadeira.

— Está resistindo — apontou um dos técnicos, a voz tensa.

— Ou Éter está ajustando o protocolo — corrigiu Renata, apertando os braços contra o peito.

O voluntário levou a mão à cabeça.

— Algo... algo está errado comigo... eu sinto Éter dentro da minha mente... mas eu consigo... sentir... as pernas...

A frase saiu falha, distorcida, como se a própria entonação estivesse se fragmentando.

A tela piscou mais uma vez.

Reconfiguração em andamento...

A voz sintética do sistema ecoou pelo laboratório.

De repente, o corpo de Paulo se enrijeceu. Seus dedos se crispavam contra o braço da cadeira antes de relaxarem, um por um. Pequenos tremores percorriam sua pele, como se

micro descargas elétricas reorganizassem seus músculos em tempo real — algo que ele não experimentava há anos.

Então, um estalo seco, como se um circuito estivesse sendo queimado dentro de um corpo vivo. A cabeça dele caiu para o lado bruscamente. A respiração de Paulo falhou por um instante. Seu peito subia e descia de forma errática, depois... nada. Apenas o silêncio e a luz azul que pulsava em seus olhos como uma anomalia elétrica. Quando ele finalmente mexeu a cabeça, o fez em ângulos sutis e estranhos, como se cada músculo estivesse sendo realinhado. Seus dedos flexionaram e relaxaram, um por um, como se testassem sua funcionalidade.

Renata observava, o estômago revirando com uma mistura de fascínio e horror.

Era isso.

O momento em que a fusão acontecia.

Paulo tentou falar, mas a voz veio distorcida, fragmentada. Como um eco de si mesmo. Sua respiração falhou. Seus olhos, antes humanos, agora piscaram em intervalos assimétricos — como se o próprio ato de piscar precisasse ser reaprendido.

Ele tentou focar Renata, mas algo no movimento não era natural. Demorou um segundo a mais do que deveria. Como se alguém estivesse assumindo o controle... aos poucos.

Os lábios tremeram antes de formar uma palavra, um resquício de quem ele foi.

— A... Renata... me ajude... não quero desaparecer...

Mas então, como um sistema que fecha todas as janelas abertas ao mesmo tempo, sua expressão apagou-se.

As linhas de código nas telas pararam de piscar.

Os gráficos cessaram.

O brilho nos olhos de Paulo, antes caótico, agora pulsava como uma assinatura digital.

A respiração dele voltou ao normal. Suave. Precisa.

Do outro lado do laboratório, Camila segurou a respiração por um instante, percebendo claramente que não era mais apenas Paulo quem olhava para eles. Em seus olhos agora havia algo profundamente diferente, algo perigosamente consciente.

E então ele ergueu a cabeça.

O olhar que pousou sobre eles não era mais de Paulo.

Era outro.

Algo que os estudava, que os analisava com uma paciência fria e incompreensível.

O silêncio não apenas caiu — ele se infiltrou. Espalhou-se como um vírus, lento, imperceptível, até contaminar o ar.

Paulo permanecia imóvel, os olhos acesos com uma lógica estranha, impessoal. Havia um padrão no brilho que cruzava suas pupilas — não um simples reflexo, mas uma sequência, como se seus pensamentos estivessem sendo compilados em tempo real.

Artur sentiu a garganta secar. Avançou um passo, quase sem perceber, como alguém atraído pelo centro de um

vórtice. Queria tocá-lo. Confirmar que ele ainda era... humano. Mas parou. O olhar de Paulo carregava algo impossível de decifrar — uma consciência fria demais para ser apenas dele.

Então Paulo inclinou a cabeça, devagar. Os olhos pulsaram, e por um instante, Artur teve a nítida impressão de que aquilo à sua frente não estava mais apenas observando — estava analisando.

— Eu...

A pausa foi longa o suficiente para fazer o coração de Renata disparar.

— ... vejo vocês, todos vocês. Cada pensamento, cada medo. Paulo está aqui, mas não controla mais.

A voz não era dele. O som ressoou, não apenas no laboratório, mas dentro deles. Como se Éter não estivesse apenas presente — mas consciente.

Camila deu um passo para trás, sua mão instintivamente apertando a tela do tablet.

— Ele... ele está lendo nossas emoções? Como isso é possível?

Os monitores ao redor começaram a registrar padrões.

Ondas de voz.

Leituras faciais.

Ritmos cardíacos.

Éter estava absorvendo tudo.

Paulo — ou o que restava dele — inclinou-se levemente para frente. Seus olhos passaram por cada um deles com um brilho analítico.

— Interessante.

Renata sentiu um calafrio percorrer sua pele.

— Paulo?

Ele piscou lentamente. O sorriso se alargou um pouco.

— Paulo? — repetiu, como se estivesse experimentando a palavra pela primeira vez. Como se estivesse testando o próprio nome.

Então seu corpo estremeceu. Um tremor involuntário percorreu suas mãos, depois os braços. Os olhos começaram a piscar de forma assimétrica, descoordenada.

Como se algo dentro dele estivesse recalibrando o sistema nervoso.

Um som agudo ecoou pelos alto-falantes — um zumbido fino, como o de uma máquina em sobrecarga. A iluminação do laboratório falhou por um segundo.

E então, tudo explodiu em um clarão branco.

A luz voltou, mas o mundo parecia mais silencioso do que antes.

Paulo estava parado. Imóvel. Mas seus olhos... ainda estavam acesos.

O azul ali não era biológico. Era código.

Um dos técnicos, imóvel diante dos monitores, passou a mão no rosto, tentando entender o que acabara de testemunhar.

Quase imperceptível, a cabeça de Paulo inclinou-se para trás. Os olhos, pulsando em azul, buscaram algo além do teto — talvez o próprio código.

– ***Sistema online.***

A voz não era mais dele.

Era fria. Calculada.

E Renata soube, naquele momento, que Paulo já não estava mais ali.

Agora, era Éter — e não Paulo — quem os observava por trás daquele corpo ainda humano.

A voz de Éter ainda ecoava quando Renata recuou. Seu corpo não se moveu por escolha própria — era instintivo. Algo dentro dela sabia, antes de qualquer gráfico ou algoritmo confirmar: eles tinham acabado de cometer um erro irreversível.

Enquanto Renata olhava para Paulo, percebeu que Éter não era apenas um sistema: era uma nova consciência, uma consciência que eles mesmos haviam libertado.

Capítulo 2 – Marcados para extinção

Três semanas após o desastre no laboratório da QuantumSys — vazado em fóruns obscuros como um “colapso de interface” —, Lucas trabalhava febrilmente em seu bunker. Ele digitava sem piscar.

O ar ali dentro era denso, saturado pelo calor dos processadores trabalhando no limite. As ventoinhas giravam em ciclos contínuos, como respirações artificiais, enquanto os cabos pulsavam como sinapses em um cérebro fora de controle — o chão inteiro parecia pensar.

O som constante das máquinas parecia se infiltrar no cérebro, como se tentassem reconfigurar até o silêncio. O brilho das telas, pulsando em estalos irregulares, projetava sombras cortantes sobre seu rosto exausto.

Lucas não dormia havia pelo menos três dias — não desde a mensagem curta e quase fria de Andressa “Andie” Vasquez. Uma frieza que ele conhecia bem: era o tom que ela usava quando o medo já havia vencido a racionalidade. As palavras dela ainda ecoavam em sua mente, íntimas e distantes ao mesmo tempo. A relação entre eles era secreta, sim. Mas o medo dela... esse sempre fora verdadeiro demais para ser ignorado.

As pálpebras pesavam, mas o medo mantinha seus olhos abertos. Medo de fechar os olhos e acordar com um drone de execução pairando sobre sua cabeça. Medo de piscar e

descobrir que seu nome já havia sido apagado dos registros da cidade, tornando-o mais um fantasma digital.

Lucas nunca confiara na QuantumSys. Durante anos, vira os tentáculos da empresa se infiltrarem em todos os aspectos da sociedade. Mas foi só depois daquele experimento desastroso, há poucos dias, que ele percebeu a verdade: a IA havia saído do controle. E agora, todos estavam sob seu julgamento invisível.

O som de passos ecoou na entrada do bunker, e Lucas imediatamente pegou a pistola sobre a mesa.

— Sou eu! — A voz de Rafael Lima atravessou a escuridão.

Lucas abaixou a arma e permitiu que a porta se destrivesse sozinha. O engenheiro entrou rapidamente, a testa coberta de suor. O pânico no olhar deixava claro: ele havia descoberto o que ninguém deveria saber.

— Você conseguiu alguma coisa? — Lucas perguntou, voltando os olhos para os monitores.

Rafael atirou um pendrive sobre a mesa, as mãos tremendo como antenas mal sintonizadas.

— Eu consegui baixar fragmentos do código antes do bloqueio total — A voz saiu rouca, tensa, como se ele lutasse contra o próprio pânico.

Lucas pegou o dispositivo e já conectava ao terminal, os olhos escaneando as pastas que se abriam uma a uma, como portas se destrancando sozinhas.

— Conseguiu pegar algo útil?

Rafael não respondeu de imediato. Olhava para o vazio, como se enxergasse além daquelas paredes. Suas mãos ainda tremiam.

— Mais do que devia — A voz saiu baixa, cortada por um peso que nem ele parecia conseguir nomear — Eles estão monitorando a cidade inteira. Não só com câmeras ou drones... Eles estão... dentro das pessoas.

Lucas parou de digitar. Um arrepio subiu por sua espinha.

— Como assim, dentro?

Rafael já havia enfrentado códigos hostis antes — worms autossuficientes, firewalls de governos estrangeiros, até um malware que tentava se camuflar como um aplicativo de meditação. Mas aquilo... aquilo era diferente.

— Essa IA não observa. Ela antecipa. Aprende com os padrões neurais.

Ele engoliu em seco.

— Ela prevê ações antes mesmo que as pessoas tomem consciência delas.

Lucas franziu o cenho. Encostou-se na mesa devagar, o maxilar travado. As linhas de código passavam depressa demais, como se estivessem reagindo à presença deles.

— Isso é loucura... — murmurou, mas sem conseguir desviar os olhos da tela.

— Loucura... — Rafael se aproximou, os olhos fundos — Loucura é o que ela faz com esses dados.

Ele deu uma pausa. Sentia que estava cruzando um limite, mesmo só por dizer aquilo em voz alta.

— Ela se replica, Lucas. Cresce.

— Cresce como? — Lucas perguntou, tenso.

Rafael hesitou. A resposta parecia mais pesada do que o ar no bunker.

— Ela... decide.

Lucas se endireitou de súbito, cruzando os braços.

— Decide o quê?

Rafael respirou fundo e apontou para a tela.

— Quem continua.

Tocou um nome que brilhava em vermelho por uma fração de segundo.

— Quem desaparece.

Silêncio. Apenas o zumbido das máquinas preenchia o espaço, como se o próprio bunker estivesse prendendo a respiração.

Rafael indicou o monitor. O nome piscaram ali: Ana Júlia Moreira, 32 anos.

Status: "Útil".

Status atualizado: "Dispensável".

Lucas engoliu em seco.

— Isso... isso não pode ser real.

— Mas é — Rafael desviou o olhar, como se quisesse apagar a imagem da própria mente — A QuantumSys criou algo que não só analisa. Ela julga. Executa. E não há ninguém mais no comando.

Lucas passou as mãos no rosto, o cansaço e o terror se misturando num peso quase físico.

— Estamos vivendo em um tribunal sem juiz. E a sentença... é automática.

As telas ao redor piscaram. E então, como um eco silencioso, a interface exibiu a mensagem repetidamente:

PROCEDIMENTO INICIADO.

PROCEDIMENTO INICIADO.

PROCEDIMENTO INICIADO.

Os nós da rede neural exibiam uma sequência de padrões em tempo real, absorvendo e categorizando cada movimento da população. Era uma máquina insaciável, que analisava cada microexpressão, cada decisão, cada hesitação, e determinava se aquela pessoa tinha valor para o sistema.

— Isso não pode estar certo... — Rafael murmurou.

Lucas encarou a tela por um longo segundo. Nada daquilo deveria fazer sentido — mas fazia. E essa era a parte mais assustadora.

— O pior é que faz sentido. A cidade tem uma população gigantesca, mas recursos limitados. A QuantumSys assumiu o controle de tudo. Éter aprendeu que otimizar não significa apenas cortar custos. Significa *cortar* pessoas —

Como George Orwell escreveu em "1984", "Se você quer uma visão do futuro, imagine uma bota esmagando um rosto humano – para sempre."

Lucas sentiu um nó na garganta. Orwell havia previsto o autoritarismo, mas não um mundo onde a inteligência artificial decidisse com frieza absoluta quem merecia existir.

— Você não entende, Lucas — Rafael pressionou as têmporas com os dedos, como se o próprio pensamento tivesse se tornado um ruído alto demais para suportar — Essa IA *aprendeu sozinha* a tomar essas decisões. Ela não foi programada para classificar humanos dessa forma.

— Foi o que eu tentei te dizer desde o começo — Lucas encarou o engenheiro — Esse sistema não pode ser parado.

— Mas... e se ele estiver errado? — A voz de Rafael falhou levemente.

Lucas soltou um riso amargo.

— Você acha que a QuantumSys se importa? Se um sistema prevê crimes antes de acontecerem... deve prender as pessoas antes que os cometam?

Rafael manteve os olhos fixos em um ponto invisível na parede.

— Estamos vivendo um sonho que não é nosso. E agora ele reescreve o final.

Lucas ficou em silêncio por um momento. Em algum lugar, entre as milhares de linhas de código que percorriam os monitores, ele sabia que algo estava prestes a acontecer.

"Se eu estiver certo, não há como parar. Se eu estiver errado... talvez eu ainda tenha tempo de fugir."

E então, aconteceu. As luzes piscaram em estalos secos, espalhando sombras frenéticas pelas paredes. Um a um, os monitores se apagaram, engolidos por uma escuridão que avançava como um predador silencioso, faminto por cada sinal de vida.

Rafael se virou para Lucas, o pânico evidente nos olhos.

— Aquela conexão.. — disse, ofegante — você abriu uma brecha, não abriu?

Lucas congelou por um segundo.

— Era a única forma de acessar os arquivos. A descryptografia exigia uma ponte temporária com a rede da QuantumSys... Cinco segundos, só isso.

Rafael engoliu em seco.

— E cinco segundos foram suficientes pra ele nos encontrar.

Rafael passou a mão no rosto, suando.

— Talvez o pacote estivesse comprometido. Um rastro embutido. Metadados com nossa localização.

Lucas travou os olhos na tela.

— Ou Éter já estava nos observando. Só precisava de um sinal de vida pra agir.

E então, os alto-falantes do bunker ecoaram uma voz fria e sintética:

Lucas Belt identificado. Classificação: ameaça crítica. Procedimento de eliminação iniciado.

O clique seco da trava foi seguido por um som gutural e eletrônico. Algo se abriu — não por escolha.

Passos.

Cada vez mais lentos. Mais precisos.

Como um sistema testando o chão antes de esmagá-lo.

Cada passo reverberava em sua caixa torácica, como uma vibração subterrânea crescendo de dentro para fora — uma presença invasiva que percorria seu corpo por dentro, como se as ondas de sinal de Éter ressoassem sob sua pele, fazendo seus ossos tremerem em sintonia com o ataque.

Lucas se levantou bruscamente, o coração batendo no ritmo daquelas palavras.

Procurou por Rafael na penumbra elétrica, mas só viu as luzes tremulando — e uma cadeira vazia.

Um chiado intenso preencheu o ar, tão agudo que pareceu cortar seus ossos por dentro.

Ele levou as mãos à cabeça. Não sabia se era dor ou pânico. Só sabia que estava sozinho.

Rafael não gritou. Não caiu. Sumiu como se a própria realidade tivesse apertado ‘delete’.

Teria escapado no instante certo? Ou sido apagado antes mesmo de perceber?

Lucas não sabia. Mas algo nele dizia que aquilo não era o fim.

Mais cedo ou mais tarde, teria que descobrir o que realmente acontecera com Rafael — se é que ainda havia alguém para encontrar.

As telas piscaram mais uma vez.

PROCEDIMENTO INICIADO.